

Reflexos territoriais de mudanças em setores agroindustriais: estudo sobre uma realidade gaúcha de produção láctea *

Territorial Effects of Changes in Agro-Industrial Sectors: Looking at a Case of Dairy Production in Rio Grande do Sul

Janaína Führ e Hoyêdo Nunes Lins**

Resumo: A maior presença de empresas multinacionais da agroindústria e a imposição de novas exigências, refletindo padrões internacionais, repercutiram em territórios rurais do Brasil desde os anos 1990. O setor lácteo foi implicado, motivando a realização de um estudo como este, envolvendo pesquisa junto a produtores primários de leite, processadores e instituições no Vale do Taquari, uma importante área láctea do Rio Grande do Sul. O objetivo é caracterizar e analisar, considerando as mudanças impostas pelas novas condições de atuação, as relações entre, sobretudo, produção primária e processamento de leite, com suas implicações. O estudo revela diferenças de comportamento entre os empreendimentos processadores, mormente quando considerada a empresa de origem estrangeira. Os efeitos nas propriedades rurais, submetidas a exigências rigorosas, são importantes e se traduzem, entre outros, em diferenciação e abandono da produção, apesar das ações institucionais realizadas. Tal situação há de interpelar os formuladores de políticas de desenvolvimento local.

Palavras-chave: Setor lácteo. Internacionalização. Vale do Taquari (RS).

Abstract: The increased presence of multinational agroindustry companies and the imposition of new requirements, expressing international standards, have affected rural areas in Brazil since the 1990s. The dairy sector has been affected, motivating a study like this one, involving research concerning primary milk producers, processors and institutions in *Vale do Taquari*, an important dairy area of Rio Grande do Sul. The objective is to characterize and analyze the relationship between primary production and milk processing, considering the changes resulting from the new operation conditions. The study reveals differences in behavior between the processing enterprises, especially when considering the company of foreign origin. The effects on rural properties, subject to more strict requirements, are important and translate, for example, into differentiation

* Submissão: 14/10/2021 | Aprovação: 29/12/2022 | DOI: 10.5380/re.v44i83.83297

** Respetivamente: (1) Departamento de Ciências Econômicas, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil | ORCID: 0000-0002-0627-4411 | E-mail: fuhr.janaina@gmail.com | (2) Programas de Pós-Graduação em Economia (PPGEco) e Relações Internacionais (PPGRI), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil | ORCID: 0000-0001-7438-2951 | E-mail: hoyedo.lins@ufsc.br



and abandonment of production, despite some institutional actions carried out to prevent it. Such a situation certainly poses a challenge for local development policy making.

Keywords: Dairy sector. Internationalization. Vale do Taquari (RS).

JEL: F61. L66. O13. Q13.

1. Introdução

O Brasil registrou nos anos 1990 uma forte entrada de empresas agroindustriais estrangeiras. Particular expressão disse respeito ao setor lácteo, de histórica presença em diferentes territórios no país, algo tanto mais digno de menção por representar o leite um alimento que admite o adjetivo “básico”. As repercussões do envolvimento de bacias leiteiras na dinâmica internacional desse setor constituem assunto relevante, por quaisquer ângulos, entre eles o da problemática referente ao desenvolvimento no meio rural.

Essa postulação permite apontar o objeto deste estudo: as reverberações das mudanças no setor lácteo do gaúcho Vale do Taquari – assimilado no estudo ao Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) Vale do Taquari –, uma área com longa tradição em produção primária e processamento de leite. O objetivo é caracterizar e analisar, considerando as mudanças impostas pelas novas condições de atuação, as relações entre, sobretudo, produção primária e processamento de leite, com suas implicações. Isso envolve identificar os tipos de estruturas que canalizam a matéria-prima e perscrutar os reflexos dos vínculos entre produção primária e processamento no setor lácteo local, mormente junto às propriedades rurais.

A base principal é uma pesquisa de campo realizada com produtores de leite, estruturas de processamento e instituições entre 2018 e 2019. O Corede Vale do Taquari foi escolhido haja vista não só a assinalada tradição láctea, mas também por ser ambiente de origem de um dos autores. Assim, a inserção sociocultural e o envolvimento familiar com o setor lácteo, outorgando o acompanhamento e a vivência das mudanças, tanto motivaram quanto favoreceram a realização da pesquisa. Desse modo, se o setor lácteo do Vale do Taquari não deixou de ser foco de diversos outros estudos, como se constata nas referências bibliográficas do artigo, não parece estar disponível qualquer investigação nascida “de dentro”, isto é, a partir de experiências concretas e compartilhadas.

O artigo possui cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. A seguir apresentam-se algumas observações de contextualização da pesquisa. Depois se caracteriza o Vale do Taquari como território de produção láctea. A quarta seção apresenta os procedimentos que nortearam o trabalho de campo, e a quinta seção, elaborada com os dados e informações assim diretamente obtidos, aborda principalmente os reflexos, no setor lácteo local, da atuação de

uma unidade de processamento de origem estrangeira. A última parte antes das considerações finais desenvolve abordagem semelhante considerando os processadores de origem local, particularmente na forma de cooperativas.

2. Para contextualizar: mudanças estruturais no setor lácteo

Entre os alimentos cuja produção e comercialização registram a forte internacionalização das respectivas práticas nas últimas décadas figuram os do setor lácteo. De fato, algumas de suas grandes empresas, oriundas de vários países, fizeram fortes investidas internacionais nas últimas décadas, espelhando iniciativas, ao menos parcialmente, como a imposição de cotas de produção na Europa, nos anos 1980. Essa medida desestimulou investimentos locais e contribuiu para que a América Latina e a Ásia entrassem no radar das novas possibilidades das grandes companhias (Carvalho, 2008).

Tal movimento resultou em desdobramentos de vínculos através das fronteiras, em meio aos quais a esfera do processamento igualmente testemunhou uma grande concentração, com várias fusões e aquisições (Rabobank, 2019). Ao mesmo tempo, o segmento do varejo se fortaleceu, com o surgimento ou a consolidação de marcas próprias e o aumento da capacidade de determinação seja de preços, seja de aspectos de produção e produto, em diferentes países.

Mas os contrastes são marcantes no seio dessa internacionalização do setor lácteo (Abdulsamad; Gereffi, 2016). Se nos países mais ricos ocorreu aumento da produtividade, ligado ao progresso técnico e tecnológico, naqueles em desenvolvimento tende-se a observar a continuidade de menores escalas na produção, qualidade inferior e problemas na agregação de valor aos produtos.

Mesmo assim, a internacionalização repercute em maiores exigências de produtividade e qualidade junto aos fornecedores, em diferentes latitudes. Desse modo, em locais em que são dominantes as estruturas tradicionais de produção e comercialização, produtores primários incapazes de atender os requisitos que passam a reger as principais relações de compra e venda de leite são colocados à margem das interações mais dinâmicas ou promissoras.

O Brasil não foi refratário a esses movimentos do setor lácteo. Benetti (2004) assinalou que impulsos oriundos do plano externo, pela aludida maior internacionalização das grandes empresas agroalimentares, e mudanças

domésticas, com a desregulamentação da economia em vários sentidos, promoveram uma forte entrada de investimentos do setor no país desde os anos 1990.

A compra de empresas brasileiras sobressaiu amplamente no modo como essa penetração se materializou. O resultado foi uma verdadeira transformação do setor lácteo no Brasil. Por exemplo, a concorrência, embalada também por avanços de cunho tecnológico, cresceu fortemente e provocou expressivas alterações nos mercados regionais (e históricos) de leite (Raupp, 2013). E os padrões do mercado externo impuseram-se mais intensamente sobre as operações locais, pois as grandes empresas processadoras e os varejistas de maior porte ganharam terreno na coordenação do setor. Daí que produtores, beneficiadores – laticínios já instalados foram especialmente pressionados – e distribuidores foram compelidos a se adequar, em contexto de maior seleção e especialização dos participantes nas cadeias produtivas e de maior dependência da produção primária relativamente à esfera industrial.

São ilustrativas as atividades em território brasileiro do grupo italiano Parmalat, que ampliou e disseminou velozmente a sua presença na década de 1990. Os resultados foram díspares: cresceu a produtividade em bacias leiteiras incorporadas pela Parmalat, notadamente devido às melhorias tecnológicas impostas, mas vários laticínios menores, com marcas próprias e histórica atuação em mercados regionais, foram absorvidos ou desapareceram.

Os eventos que envolveram esse grupo no início dos anos 2000 tiveram desdobramentos dramáticos. A entrada em concordata da matriz na Itália ressoou em diversas localidades onde incidira o percurso internacionalizante, afetando os fornecedores. A Parmalat costumava adquirir leite de produtores organizados em cooperativas, e a crise em que a empresa mergulhou levou à interrupção dos pagamentos. O quadro mostrou-se mais grave onde não havia alternativas de escoamento, sobretudo pelo desaparecimento de laticínios tradicionais, o que não deixou de resultar inclusive na venda de parte dos rebanhos em algumas propriedades.

Essas considerações, sobre os vínculos entre aspectos da internacionalização do setor lácteo e as estruturas produtivas dos territórios, têm o sentido de, por assim dizer, demarcação do terreno para a abordagem deste estudo. A instalação e as operações de unidades de grandes empresas, em espaços

tradicionalmente envolvidos com o setor lácteo no Brasil, suscitam indagações sobre o que se impõe aos produtores primários e às estruturas de beneficiamento já instaladas.

Requisitos muito maiores em qualidade, produtividade e escala de produção mínima nas propriedades rurais passam a marcar o cotidiano nesses espaços. As imposições incluem os dispositivos de controle governamental, como a Instrução Normativa (IN) 51, de 2002 – do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) –, contemplando aspectos de refrigeração e transporte do leite, além de medicamentos para os rebanhos, e a IN 62, de 2011, visando aumentar o rigor das regras sanitárias.

Investimentos na modernização das atividades, envolvendo equipamentos e melhoria genética dos animais, impuseram-se cada vez mais como condição de permanência no setor e de usufruto de uma melhor situação nas interações com a esfera processadora (Souza, 2011). Entretanto, muitos produtores primários não têm logrado fazer frente às exigências e são excluídos das linhas de fornecimento (Feix, 2016).

Assim contextualizado, o estudo dirige-se agora para o Vale do Taquari, um dos territórios gaúchos em que o setor lácteo apresenta destaque histórico. O primeiro passo é caracterizar esse espaço como produtor de lácteos.

3. Vale do Taquari: um território gaúcho de produção láctea

No Rio Grande do Sul, os agrupamentos de municípios em conselhos regionais de desenvolvimento (Coredes) auxiliam a tarefa de caracterizar os segmentos do mosaico estadual, pelo que representam em oferta de dados espacializados. Criados em 1994, esses conselhos totalizam 28; o espaço objeto desta pesquisa pertence, como indicado na introdução, ao Corede Vale do Taquari, que possui 36 municípios.

3.1 Traços gerais do Vale do Taquari

As estatísticas disponibilizadas pela antiga Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul informam que esse Corede registrava 381 mil habitantes em 2020 (FEE, 2021). Pelo Censo Demográfico de 2010, quase $\frac{3}{4}$ dessa população residiam na área urbana (essa taxa atingia 85% em todo o estado),

embora em 23 municípios predominassem os moradores da área rural (IBGE, 2021).

O Produto Interno Bruto (PIB) do Corede atingiu R\$ 14,1 bilhões em 2018, equivalente a 3,1% da cifra estadual. Destacam-se no PIB os municípios de Lajeado – cuja sede é um polo regional e dista 113 km de Porto Alegre –, Estrela e Teutônia, que respondem por 30%, 10% e 10%, nessa ordem, desse produto. No Valor Adicionado Bruto (VAB) de 2018, a agropecuária representava 9%, a indústria, 31%, e os serviços, 45% (sem contar administração, defesa, educação, saúde pública e seguridade social); nos números estaduais, a indústria participava com 22%, e os serviços (nas mesmas condições) com 54% (IBGE, 2021).

Em alguns municípios mais distantes da cidade polo do Corede, a maioria dos residentes permanece em atividades primárias. O Censo Agropecuário de 2017 informou existirem, na área como um todo, cerca de 21.800 estabelecimentos agropecuários, uma quantidade 15% menor do que a registrada no Censo Agropecuário de 2006. Merece realce a redução expressiva do número de estabelecimentos que produzem leite: de 14.037 em 2006, recuou-se para 8.508 em 2017 (menos 39%). Isso ocorreu em todos os municípios, apenas variando a intensidade: por exemplo, em Bom Retiro do Sul a redução foi de 21%, e em Taquari, de 60% (IBGE, 2018).

A área média dos estabelecimentos rurais do Corede, segundo o Censo Agropecuário de 2017, é de 15,8 ha, muito inferior tanto à gaúcha (59,4 ha) quanto à brasileira (69,1 ha). Assim, é sobretudo de pequenas propriedades que se trata localmente. De fato, os dados indicam que 69% dos estabelecimentos produtores de leite no Vale do Taquari têm menos de 20 ha, ao passo que no estado essa proporção é 59%. Assinale-se também que 90% das pessoas ocupadas nos estabelecimentos rurais têm parentesco com o produtor, sendo as médias gaúcha e brasileira de quase 81% e 73%, respectivamente (IBGE, 2018).

A base econômica de características rurais abrange, além da produção primária de leite, também a de grãos, suínos e aves, entre outros itens. Essa base, que apresenta igualmente processamento industrial, implica especialmente propriedades familiares.

Tudo isso tem raízes históricas antigas. Até meados do século XVIII, indígenas da etnia guarani e caboclos eram os ocupantes do Vale do Taquari (Beroldt, 2010), mas a situação mudou com a chegada de açorianos e a fundação

do que viria a ser a cidade de Taquari, em 1764 (Aguiar *et al.*, 2009). Ocupação e povoamento efetivos aconteceram principalmente com a fixação de imigrantes alemães e italianos, a partir de 1853 e 1878, respectivamente (Feix; Jornada, 2015).

Como em outras experiências de colonização, práticas de perfil cooperativo vinculavam o cotidiano local. Não se tratava de algo fortuito, pois as carências enfrentadas fizeram os ocupantes providenciar coletivamente e por iniciativa própria o que se fazia necessário. Daí poder-se falar em inoculação do sentido de ação coletiva, de ajuda mútua e colaboração na trajetória do Vale do Taquari, um aspecto que parece ter se incorporado aos traços socioculturais da área.

Não seria fruto do acaso, assim, a longa tradição de associativismo presente nesse território. A criação em 1947 da Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda. (Cosuel), em cenário de crise da suinocultura, ilustra tal fato. Outras iniciativas do gênero, mais recentes, referem-se à Cooperativa Regional de Eletrificação Teutônia Ltda (Certel) e à Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda (Languiru), entre outras. Observou-se na pesquisa de campo – sobre cuja realização se falará posteriormente – que as cooperativas fazem parte da rotina dos produtores rurais entrevistados: 77% indicaram ser associados de alguma cooperativa, seja de produção, de eletrificação ou de crédito.

Também pode ser assimilado aos problemas da colonização o fato de ser diversificada a produção nas propriedades. No início, a agricultura de subsistência, forçosamente plural, absorvia o essencial da capacidade produtiva das pequenas unidades coloniais, e a necessidade de pagar as dívidas contraídas na compra de terra logo impôs a geração de excedentes para comercialização (Ahlert; Geroz, 2001). Merece igualmente realce que ofícios praticados por muitos imigrantes em seus locais de origem tiveram papel importante, pelos incrustados conhecimento e experiência, no surgimento de atividades de transformação industrial na região (Feix; Jornada, 2015).

3.2 A presença do setor lácteo

A produção de leite começou no Vale do Taquari com a colonização notadamente alemã e italiana (Barden *et al.*, 2001). O processamento industrial, de sua parte, sedimentou-se entre 1920 e 1940, com a criação de pequenos laticínios principalmente no município de Estrela (Feix; Jornada, 2015).

O impulso do setor ocorreu simultaneamente à retração de culturas tradicionais (milho, mandioca, trigo) e também da suinocultura, tendo contribuído para atenuar o impacto desse declínio e, assim, para conter a emigração da população rural após a década de 1950 (Barden; Ahlert, 2003). Com efeito, nos anos 1960, a produção leiteira representou importante ajuda na manutenção das atividades agrícolas dos pequenos proprietários locais, permitindo-lhes sobreviver e permanecer no meio rural (Mallmann, 2017).

Ao longo do tempo, a importância do setor lácteo no Vale do Taquari não só foi preservada como se fortaleceu, não obstante o impacto negativo da abertura comercial do Brasil, nos anos 1990, em particular no que concerne ao processo de integração do Mercosul. São sugestivos dessa importância os números de empregos formais, nos últimos anos, notadamente nas atividades de preparação do leite e fabricação de laticínios. As primeiras abrangem filtragem, esterilização, homogeneização, resfriamento e envasamento de leite; as segundas incluem a produção de um largo espectro de itens, desde creme, manteiga e iogurte até bebidas, leite em pó e queijos (IBGE, 2002).

A Tabela 1 quantifica esses empregos, e também os relativos ao comércio atacadista de lácteos, com dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), disponibilizados pelo Ministério da Economia (2021), para o decênio anterior a 2019. Colocando-se os números em perspectiva, observa-se que o Corede Vale do Taquari tem expressiva representatividade no Rio Grande do Sul mormente em fabricação de laticínios: em 2019, na totalidade do emprego, esse Corede não representava mais do que 3,9% do agregado estadual, mas em fabricação de laticínios chegou a aproximadamente 1/5, uma incidência que foi ainda mais forte em 2013 e, principalmente, em 2008.

Tabela 1 – Rio Grande do Sul e Corede Vale do Taquari: vínculos formais totais e em preparação do leite, fabricação de laticínios e comércio atacadista de leite e laticínios (2009, 2014 e 2019)

Especificação de atividade e local		2009	2014	2019
Total do emprego ^a	Rio Grande do Sul (A)	2.602.320	3.109.179	2.957.621
	Vale do Taquari (B)	89.290	113.306	115.532
	B/A * 100	3,4	3,6	3,9
Preparação do leite ^b	Rio Grande do Sul (A)	1.310	1.213	1.310
	Vale do Taquari (B)	4	206	193
	B/A * 100	0,3	17,0	14,7

Fabricação de laticínios ^c	Rio Grande do Sul (A)	4.970	6.653	7.085
	Vale do Taquari (B)	1.651	1.801	1.351
	B/A * 100	33,2	27,1	19,1
Comércio lácteo atacadista ^d	Rio Grande do Sul (A)	1.142	1.617	782
	Vale do Taquari (B)	169	67	4
	B/A * 100	14,8	4,1	0,5

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados de Ministério da Economia (2021).

^a Somatório de IBGE Grandes Setores

^b CNAE 2.0 Classe 10511: Preparação do leite

^c CNAE 2.0 Classe 10520: Fabricação de laticínios

^d CNAE 2.0 Classe 46311: Comércio atacadista de leite e laticínios

Na produção primária de leite, a Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2021) informa que esse Corede ocupava a segunda colocação no estado, com 350,4 milhões de litros em 2020. Tal volume significava 8,2% do total gaúcho, devendo-se assinalar que o Corede com a maior produção respondia por 9,7% do conjunto estadual. Vale também realçar que, embora o Vale do Taquari apresente volumosa produção, constituem minoria as propriedades que produzem elevadas quantidades de leite. Na base do destaque local figuram, sobretudo, pequenas propriedades com produtividade que supera a média nacional (Schmitt, 2013). Conforme dados obtidos na pesquisa de campo, a área média das propriedades incluídas no estudo era de 20,4 ha, próxima à observada no último censo agropecuário (IBGE, 2018). Ressalte-se que 19% dos entrevistados informaram arrendar terras de vizinhos saídos da atividade rural, objetivando expandir a produção em contexto de dificuldades para adquirir terras, segundo diversos produtores.

Cabe assinalar igualmente que, apesar da redução de 39% do número de estabelecimentos que produzem leite no Corede, entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017, a região permaneceu em posição de destaque no Rio Grande do Sul em produção primária de leite (IBGE, 2018). Há de ter repercutido o fato de, segundo dados levantados na pesquisa de campo, os produtores terem logrado acumular conhecimento e competências para atuar no setor. É sugestivo que entre os produtores entrevistados fossem registradas experiências no setor lácteo ao longo de cerca de nada menos que 30 anos.

De todo modo, não estava ausente o problema do envelhecimento da população. A idade média dos entrevistados na pesquisa de campo foi de 51 anos. A apontada redução do número de estabelecimentos e o envelhecimento dos contingentes engajados na produção primária mostram, vale realçar, que no Vale

do Taquari, como em outros ambientes com atividades e condições semelhantes, têm grande importância as temáticas da sucessão rural e da capacidade dos produtores se adaptarem às novas exigências produtivas ou organizacionais.

Também merece ênfase, na caracterização da estrutura do setor lácteo local, o fato de o beneficiamento da produção primária ser realizado principalmente por empresas e cooperativas localizadas na própria área, segundo Barden *et al.* (2020). Todavia, a pesquisa de campo mostrou que também empresas que processam em locais vizinhos utilizam leite oriundo do Vale do Taquari. A contrapartida se expressa em alguma captação, por empresas com operações nesse território, de leite produzido em outras regiões.

Note-se que a capacidade de beneficiamento de leite no Vale do Taquari tem origem tanto local – cooperativas e empresas de portes variados – como extra local, inclusive internacional. O caso estrangeiro refere-se a uma unidade da francesa Lactalis, que opera com diversas marcas, entre elas a Parmalat. Feix (2016, p. 547) assinala que “[...] a estrutura de mercado é de oligopsônio, haja vista que quatro empresas – Lactalis, Languiru, Cosuel e Tangará Foods – dominam o recebimento de leite coletado junto às mais de 14.000 propriedades dedicadas à atividade na região”. O Quadro 1 apresenta os principais processadores de leite que atuam nesse território, indicando a localização, os produtos e as marcas utilizadas.

Essas atividades de beneficiamento abrangem do processamento simples, com pasteurização e embalagem do leite *in natura* para consumo, à produção de itens mais complexos, como leite em pó (Barden *et al.*, 2020). Informações levantadas durante a pesquisa de campo reafirmam essa descrição, mostrando que as empresas em atividade oferecem gamas de produtos que podem ser modestas em alguns casos e mais amplas e diversificadas em outros. Determinam esse perfil a estratégia de inserção no mercado, o nicho explorado, o capital humano e tecnológico empregado e os recursos financeiros de que dispõem os processadores.

Quadro 1 – Vale do Taquari: principais processadores de leite

Processador	Município	Produtos	Marcas
Lactalis	Teutônia	Leite condensado, manteiga, aromatizados, leite em pó, leite UHT, especiais	Batavo, Elegê

	Fazenda Vilanova	Leite UHT, leite em pó	Parmalat, Bom Gosto
Cooperativa Languiru	Teutônia	Leite pasteurizado, leite UHT, queijos, doces de leite, requeijões, bebidas lácteas, natas, leite em pó, achocolatados	Languiru
Cosuel	Arroio do Meio	Creme de leite, leite UHT, leite em pó, bebida láctea	Dália
Vonpar Alimentos	Arroio do Meio	Doce de leite	Mu-Mu
Hollmann*	Imigrante	Queijos, bebida láctea, creme de leite, leite UHT	Hollmann
Tangará Foods	Estrela	Compostos lácteos, leite condensado, creme de leite	Purelac, Nutricional, Nutrimax

Fonte: Feix (2016).

Nota: * Encerrou as atividades depois de 2016.

As atividades de diferentes instituições afetam o setor lácteo local. Entre as principais figuram: a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), nos vários municípios, com centro de treinamento para produtores; as representações dos produtores primários (Sindicato dos Trabalhadores Rurais/STR) e das indústrias (Associação das Pequenas Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul/Apil e Sindicato das Indústrias de Laticínios/Sindilat, de abrangência estadual); o Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (Codevat), que articula os atores regionais no enfrentamento de situações adversas e contribui para promover o desenvolvimento nesse território.

Considera-se que o apresentado é suficiente para sugerir que o setor lácteo representa um importante esteio da economia regional. A investigação direta, cujos resultados são explorados a seguir, permitiu reunir elementos para a análise das interações que caracterizam as respectivas atividades no Vale do Taquari, levando-se em conta os novos desafios com que se depara o setor lácteo. Antes são descritos os procedimentos que nortearam a realização da pesquisa de campo.

4. Nota sobre a realização da pesquisa de campo

A base principal do presente estudo é uma pesquisa direta realizada entre 2018 e 2019 em seis dos 36 municípios do Corede Vale do Taquari, junto a produtores de leite, estruturas de processamento e instituições. Esses municípios –

Arroio do Meio, Colinas, Estrela, Imigrante, Teutônia e Westfália – foram selecionados principalmente em função da sua representatividade na produção primária de leite, entre outros aspectos. No Censo Agropecuário de 2017, Westfália, Estrela e Teutônia ocupavam a 1^a, 2^a e 4^a posição, respectivamente, no *ranking* da produtividade no Corede; Arroio do Meio figurava na 7^a posição; Colinas, na 12^a; e Imigrante, na 29^a (IBGE, 2018).

Esse conjunto de municípios representava 36% do leite então comercializado pelos produtores do Corede, conforme registrado em IBGE (2018), destacando-se notadamente Estrela, Teutônia e Arroio do Meio. Assinale-se que Arroio do Meio, Estrela e Teutônia abrigam os laticínios de maior porte da região.

Após a definição dos municípios para a pesquisa de campo, calculou-se o tamanho mínimo de uma amostra aleatória simples de produtores de leite¹. Com dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2018), o cálculo resultou em 62 propriedades, cuja distribuição entre os municípios selecionados observou a proporção do total de produtores de cada um no conjunto do Corede. O quadro de entrevistas assim desenhado foi este: Arroio do Meio: 14; Estrela: 13; Teutônia: 13; Imigrante: 8; Westfália: 8; Colinas: 6.

Mas a pesquisa de campo não se limitou às propriedades rurais. Entrevistas foram programadas e realizadas igualmente nas seguintes instituições: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Secretaria Municipal de Agricultura; também visitados foram o Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (Codevat), o Centro de Formação de Agricultores de Teutônia (Certa), a Associação das Pequenas Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Apil) e o Sindicato das Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS).

No tocante às empresas processadoras, optou-se por entrevistar as mais representativas. Das cinco selecionadas, apenas uma recusou, razão pela qual uma empresa não instalada no Vale do Taquari acabou incorporada ao conjunto, por ter

¹ O cálculo da amostra envolveu o uso, com apoio em Barbetta (2012), desta expressão: $n_0 = (z^2 * \sigma^2) / E_0^2$, sendo n_0 uma primeira aproximação para o tamanho da amostra, z o valor da distribuição normal em função do nível de confiança desejado, σ o desvio-padrão e E_0 o erro amostral tolerado. O nível de confiança e o erro amostral tolerado são fixados a priori. Dada a disponibilidade de informações, utilizou-se o desvio padrão da produtividade média litros/vaca/ano do Corede Vale do Taquari; o nível de confiança foi de 95% e a referência do erro amostral tolerado foi 25% do desvio padrão da população. Quando a população é grande - $N > 20$ - pode-se considerar n_0 como o tamanho da amostra; no presente caso, o tamanho da população é de 8.508, e, portanto, considerou-se $n_0 = n$.

sido recorrentemente mencionada pelos produtores rurais. Nenhuma dessas estruturas empresariais é identificada no artigo, em obediência ao que foi combinado no agendamento das entrevistas.

Ao todo foram realizadas 88 entrevistas, entre agosto de 2018 e janeiro de 2019. A definição dos roteiros observou as particularidades dos grupos de respondentes, a saber, produtores rurais, instituições e empresas processadoras. Os questionários eram semiestruturados, com sequência de indagações – abertas, fechadas e de múltipla escolha – orientadora dos diálogos, abrangendo assuntos de caráter qualitativo e quantitativo. Uma entrevista piloto permitiu testar e fazer ajustes.

Destaque-se que os dados e informações obtidos nas entrevistas foram analisados qualitativamente e quantitativamente, dependendo do caso. Os dados foram objeto de tabulações, de modo a revelar a incidência das visões expressas sobre os assuntos indagados e favorecer cruzamentos e associações. Assim, um intenso trabalho de “processamento” seguiu-se à coleta, objetivando-se atingir maior clareza sobre pontos que suscitaram alguma dúvida durante o manuseio dos questionários.

5. O setor lácteo no Vale do Taquari: novos determinantes e seus reflexos

Esta seção, inteiramente baseada – assim como a seção posterior – na pesquisa de campo, caracteriza e analisa as relações entre as esferas da produção primária e do processamento de leite no Vale do Taquari, considerando os perfis dos agentes que canalizam a matéria-prima desde as propriedades rurais. A maior ênfase recai na atuação do grande capital vinculado ao processamento, referente à unidade da multinacional Lactalis.

Reitere-se que a forte entrada de empresas multinacionais, notadamente a partir dos anos 1990, e a adoção governamental de maior rigor nas normas sanitárias impuseram exigências mais elevadas ao setor lácteo, de uma forma geral, como assinalado anteriormente. No Vale do Taquari, tanto a maior presença de interesses estrangeiros, com seus determinantes, quanto a regulação governamental menos tolerante afetaram o setor. Um aspecto central dos vinculados processos, enquanto reflexos merecedores de atenção, refere-se ao binômio seletividade-exclusão de produtores primários.

5.1 Presença corporativa internacional e suas repercussões

Já em seus primeiros movimentos no território, a unidade processadora da Lactalis – representante maior do interesse internacional no universo lácteo local – interferiu no setor. Estabelecendo-se pela compra, em 2014, da fábrica de laticínios pertencente à BRF, sua chegada teve consequências seja na atividade de captação da produção primária, seja no plano das relações mais gerais entre os agentes da cadeia láctea.

Diversos atores locais entrevistados durante a pesquisa de campo informaram que essa empresa, tão logo instalada, passou a executar uma estratégia de aumento da sua captação de leite. O instrumento básico foi a prática de um preço mais elevado pago aos fornecedores, comparativamente ao pago pelos concorrentes. Entrevista realizada em uma das empresas de processamento oriundas da própria região permitiu saber que a Lactalis procurou os maiores produtores e lhes ofereceu um diferencial de preços que chegava a R\$ 0,20 por litro de leite.

Pelo ângulo dos produtores, a medida foi convidativa e não deixou de repercutir positivamente, pois o acenado incremento na renda sinalizava melhores possibilidades para o desenvolvimento de suas atividades, estimulando novos investimentos e, por conseguinte, a permanência, talvez em melhores condições, na produção de leite. Todavia, a busca de produtores primários nessas circunstâncias foi seletiva. Somente os que apresentavam maiores volumes de produção eram contemplados.

Quer dizer, interessava à Lactalis o produtor já melhor estruturado, dispondo de condições mais adequadas, sem necessitar de muito suporte técnico ou de investimentos expressivos. Esse tipo de comportamento, vale apontar, constitui tendência internacional na esfera do processamento lácteo. Por exemplo, Zúñiga-Arias (2011) indicou, sobre os tipos de fornecedores privilegiados em experiências na Nicarágua, que as empresas multinacionais obtêm suas matérias primas, prioritariamente, de produtores médios e grandes e de cooperativas coletoras de leite.

A opinião dos entrevistados sobre a prática de preços mais elevados pela grande empresa revelou percepção de que é preciso cautela perante os acenos relacionados. Frisou-se que quando a Lactalis deixou de necessitar aumento na quantidade de leite, foi a primeira a reduzir o preço entre as estruturas de

beneficiamento instaladas na área. A mesma indicação de que é necessário prudência transpareceu no ponto de vista, também manifestado, de que as empresas multinacionais somente permanecem na região enquanto usufruem de incentivos fiscais praticados localmente. Quando esses estímulos desaparecem, ou deixam de ser atraentes, essas empresas costumam emigrar. Embora não se referisse à Lactalis, essa indicação de caráter geral foi verbalizada a título de posicionamento diante da pergunta sobre o que se pensava da presença de uma empresa como a processadora francesa naquele território.

É comum as experiências pretéritas influenciarem o modo como se considera o presente, em quaisquer circunstâncias. Isso transpareceu no depoimento de um entrevistado sobre como se podia avaliar a atuação de empresas oriundas do exterior. Nos anos 1990, com a intensificação das atividades de corporações multinacionais no setor agroalimentar do Brasil, a Parmalat adquirira a Lacesa, um laticínio daquela região com tradição no mercado. A crise do grupo italiano não poupou o Vale do Taquari, razão pela qual foi comentado, na narrativa aludida, que “a Parmalat era uma esperança quando veio; foi a primeira multinacional que entrou na região [...] [chegou] com sucos, bolachas, com aquele *mix* de produtos; e foi uma decepção”.

Na esteira dessas turbulências, a unidade da Parmalat foi comprada pela Bom Gosto, que também adquiriu a Nutrilat. Mais tarde, ocorreu a fusão da Bom Gosto com a LeitBom, formando o grupo Lácteos do Brasil (LBR), parte dos ativos do qual pertence hoje à Lactalis. Muitos produtores que forneciam leite à Lacesa passaram a vender à Parmalat, depois à Bom Gosto e atualmente operam com a Lactalis. Mas houve produtores que, devido à crise da Parmalat, saíram desse sistema de fornecimento: sem terem recebido o pagamento a que tinham direito, nunca mais venderam nessa sequência de clientes, segundo a informação registrada.

Indicou-se anteriormente que os preços praticados influem nas decisões dos produtores sobre mudar ou não o vínculo de fornecimento, e que a Lactalis teria contado com isso. Cabe agora destacar que, conforme diversas entrevistas, são mais propensos a “migrar” os produtores médios e grandes que possuem financiamentos a serem quitados. Esse é o contingente junto ao qual repercutiu mais facilmente a atratividade dos preços iniciais oferecidos pela unidade da empresa estrangeira.

Entretanto, a mudança não é automática, pois outros fatores igualmente intervêm nessas decisões. Por exemplo, se uma empresa paga R\$ 0,20 a mais por litro de leite, comparativamente ao preço de uma cooperativa, a atitude do fornecedor haverá de refletir decisão influenciada pelo fato de tratar-se ou não, conforme argumentado numa entrevista, de “um produtor de longa data, um sócio fundador da cooperativa; [ou seja, o produtor vai] pensar muito para sair”. Além disso, não é pequeno o receio, na tomada de decisão sobre substituir o vínculo, de que a empresa que oferece uma proposta atraente venha a decretar falência, deixando de realizar os pagamentos aos fornecedores, como se viu no caso da Parmalat.

Outra questão a nortear as decisões dos produtores sobre as relações com o segmento processador refere-se às demandas das grandes empresas. Um dos proprietários rurais enfatizou esse problema, assinalando que o produtor primário é compelido a fazer investimentos para se adequar. Embora não haja garantia de que tais inversões venham a proporcionar um retorno compensador dos gastos, ou de que este possa se concretizar em horizonte temporal compatível com as expectativas, o produtor pode investir movido pelo impulso de ganhar alguns centavos a mais no preço recebido. Aceitar o desafio representaria, assim, um encargo para permanecer ou se inserir em interações representativas, ao menos em princípio, de melhores resultados.

5.2 Exigências institucionais e aumento das pressões

Igualmente intervém na dinâmica do setor lácteo o respectivo marco regulatório, em particular no tocante às Instruções Normativas (INs) do Mapa sobre parâmetros sanitários. Reverberando, é lógico considerar, as demandas das empresas mais dinâmicas do segmento processador, passaram a vigorar em maio de 2019 as INs 76, 77 e 78, com regras ainda mais duras. No período da pesquisa de campo, essas medidas ainda não tinham sido adotadas, mas diversos entrevistados manifestaram preocupação com respeito às suas previsíveis decorrências. Foi opinião geral que parcela expressiva dos produtores primários não conseguiria se adequar e deixaria a atividade.

A gravidade dessa inadequação no Vale do Taquari mostra-se plenamente sugerida quando se considera que numerosos pequenos produtores dependem da renda proporcionada pela produção primária de leite, e não conseguiriam

reorientar suas atividades com resultados rapidamente condizentes. Das 62 propriedades rurais em que se realizou pesquisa de campo, 30,6% comercializavam somente leite e 45,2% exibiam, além dessa matéria-prima, a comercialização de apenas mais um produto ou a prestação de um único tipo de serviço. Eram minoritárias, totalizando não mais do que $\frac{1}{4}$, as propriedades cujo leque era mais amplo (Tabela 2). Ao lado da comercialização de leite, foram registrados principalmente suínos e frangos; mas também se falou em grãos (milho, soja), verduras, frutas, ovos e prestação de serviços de máquinas, assim como turismo rural.

O desafio representado pelo aumento das obrigações mostra-se amplificado junto aos produtores em idade mais avançada, precipitando ou acelerando as associadas decisões de sair da atividade. Atender aos requisitos mais severos obriga a realização de investimentos para melhorar a produtividade e a qualidade, mas é preciso atingir escala para viabilizar as inversões, o que representa dificuldade considerável nas pequenas propriedades.

Tabela 2 – Vale do Taquari: número de propriedades rurais pesquisadas conforme a quantidade de produtos ou serviços comercializados (2018)

Quantidade de itens comercializados	Propriedades rurais pesquisadas	
	Número de propriedades	%
Somente leite	19	30,6
Leite e mais um item	28	45,2
Leite e mais dois itens	12	19,4
Leite e mais três itens	3	4,8
Total	62	100

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa de campo.

A problemática da sucessão nas propriedades integra o quadro de dificuldades desses produtores, conforme registrado na pesquisa. Dos 62 produtores entrevistados, apenas 26 tinham sucessão familiar, o que representa 42%; 31% declararam não possuir tal sucessão e, para 27%, a situação estava indefinida, seja porque os filhos eram muito novos para decidir a respeito ou porque trabalhavam em outras atividades e não tinham ainda descartado (ou não) as possibilidades no leite. Assinale-se que o desinteresse dos contingentes mais jovens pela produção de leite há de espelhar o histórico de reveses vivenciado – como os ligados à crise das importações em 2017, assunto ao qual se voltará – e as

próprias características da atividade, impositivas de trabalho árduo com recompensas não raramente incertas. As vicissitudes ligadas à sucessão aparecem, nesse contexto, como efeitos e causas dos problemas das pequenas propriedades: o menor interesse dos jovens, também decorrente das escassas perspectivas, significa que grupos mais idosos apresentam maior envolvimento relativo com a produção, e isso tende a restringir ainda mais a modernização de práticas e equipamentos, encurtando as possibilidades de resultados melhores.

Nessas circunstâncias, o maior rigor dos preceitos de qualidade e produtividade constituiria estímulo ao abandono da produção primária em numerosas propriedades, lubrificando a engrenagem que subjaz à forte contração do número de estabelecimentos produtores de leite no Vale do Taquari entre os censos agropecuários de 2006 e 2017, como já apontado. Aquelas propriedades em que a atividade está nas mãos de produtores de menor porte, mais idosos ou sem sucessão mostram-se mais implicadas. O referido maior rigor tem origem na influência da esfera processadora, envolvendo operações corporativas norteadas por padrões de qualidade e produtividade internacionais; a Lactalis é o modelo básico no Vale do Taquari. Mas também as diretrizes oriundas da esfera governamental cobram seu preço, como numa espécie de impacto indireto das determinações internacionais, às quais o Estado respondeu.

Importantes atores da cadeia láctea no Vale do Taquari atribuíram o grosso do comando do setor nesse território às ações dos mais fortes integrantes da esfera processadora, particularmente da empresa de origem externa. Essa avaliação proveio de interlocutores que operam em instituições envolvidas com o setor, em cujos corpos técnicos observou-se, durante a pesquisa, capacidade de apreciação crítica. As manifestações nesse sentido surgiram na resposta à indagação sobre o grau de influência dos distintos agentes da cadeia láctea nas políticas e ações governamentais para as atividades relacionadas. A Tabela 3 sistematiza essa apreciação.

Tabela 3 – Vale do Taquari: influência dos atores do mundo lácteo nas ações governamentais para o setor, segundo as respectivas instituições locais (% sobre o total de indicações)

Especificações	Nenhuma influência	Pouca influência	Influência mediana	Influência importante	Muita influência
Produtor individual	90	5	5	0	0
Produtor coletivo	5	26	21	37	11
Empresa de origem local	10	25	35	30	0
Empresa multinacional	0	5	0	25	70
Importador	0	0	18	18	65
Varejista	33	11	6	22	28
Cliente/ consumidor	42	26	21	5	5

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa de campo.

6. Reações no segmento processador de origem local

A prática da empresa multinacional de pagar mais pelo leite afetou as cooperativas e os laticínios menores do Vale do Taquari. Isso foi amplamente reconhecido pelos interlocutores da região que participaram da pesquisa de campo, e que realçaram as especificidades das atividades de processamento de origem local.

6.1 Particularidades das cooperativas

Constitui trunfo das cooperativas da área, na comparação com estruturas empresariais maiores, o compartilhamento pelos produtores de leite de uma visão bastante positiva a seu respeito. Registraram-se, junto aos 62 produtores entrevistados, opiniões sobre as cooperativas segundo as quais, diferentemente das grandes empresas, existe nas primeiras

[...] um compromisso, uma consciência [...]; elas são fundamentais porque abrigam também os pequenos, e já as grandes [empresas] não querem saber; se não tem 1.500 litros, por exemplo, elas não estão nem aí [...]; as cooperativas têm uma tolerância maior, elas amparam esses produtores.

Na mesma direção, houve quem frisasse que ocorre de as empresas multinacionais – o depoimento generalizou o assunto, mas o foco na indagação era a experiência local da Lactalis – praticarem um preço relativamente maior, mas “elas só compram o teu leite; no resto tu ‘te vira’”. As cooperativas, não. Elas dão assistência técnica e ração a um preço razoável”.

Experiências repertoriadas na literatura corroboram esse entendimento sobre a maior tolerância das cooperativas comparativamente à conduta das empresas. É assim, por exemplo, com respeito à heterogeneidade tecnológica dos fornecedores: Mérel, Saitone e Sexton (2009) sugerem que as cooperativas geralmente enfrentam dificuldades, ou se mostram frequentemente relutantes, para excluir associados “marginais” seja quanto à tecnologia, ao volume de produção ou à qualidade.

Representa, portanto, um destacado elemento de diferenciação, no modo como a grande empresa – a Lactalis – e as estruturas de processamento de origem local atuam no Vale do Taquari, o que se apontou nas entrevistas como “enraizamento” no território e comprometimento com o desenvolvimento local. Diversos depoimentos sublinharam o quanto as cooperativas mantinham relações estreitas com o âmbito da produção primária, inclusive no tocante a decisões importantes para o setor. Favoreciam essa proximidade as assembleias e, em uma das cooperativas, as interações entre os produtores de leite e os líderes de núcleos, no que constituía um importante instrumento de comunicação da estrutura cooperativa com as propriedades rurais.

Os mencionados “enraizamentos” no território e engajamento (ou interesse) na promoção do desenvolvimento local, causas de diferenciação positiva das cooperativas segundo a visão transmitida pelas entrevistas, eram tidos como inseparáveis da – nos termos utilizados – obrigação social que as segundas têm para com os associados. Daí porque, segundo as narrativas, as cooperativas protagonizam “construção”, ou pelo menos amparo, na órbita da produção primária.

Note-se que, assim percebido, o quadro evoca aspectos do debate sobre o desenvolvimento no meio rural cujo centro de gravidade ostenta com destaque a própria ideia de território, com seus conteúdos históricos e culturais, além de socioeconômicos. Tal perspectiva analítica ganhou terreno nas últimas décadas, internacionalmente (cf. p. ex. Pecqueur, 2001; Sánchez-Zamora, Gallardo-Cobos

e Ceña-Delgado, 2014) e no Brasil (entre outros, Abramovay, 2009; Kageyama, 2004; Schneider, 2010). Uma postulação no seio desse debate, referindo aos aludidos “enraizamento” e comprometimento, é que a presença de dinâmicas territoriais permeadas de espírito coletivo e crivadas de ações conjuntas representa um importante atributo para o desenvolvimento.

Esses aspectos emergiram localmente, por exemplo, na esteira dos reflexos que as medidas adotadas pela Lactalis provocaram na esfera processadora originária do próprio Vale do Taquari, especialmente nas cooperativas. Embora estas concorressem entre si pela produção primária de leite como matéria-prima, a atuação da grande empresa estrangeira acabou por suscitar um maior entendimento no seio daquele grupo. Isso decorreu da perda de fornecedores para o novo comprador, o que forçou uma articulação de esforços para enfrentar a situação.

Assim, após período de ajuste ao novo quadro, sob a pressão da mudança representada pelos preços mais elevados praticados pela Lactalis, integrantes do segmento processador de origem local priorizaram atitudes de respeito mútuo às áreas que forneciam para cada comprador de leite. Isso significou alteração do comportamento imediatamente testemunhado, a reboque da estratégia de preços da empresa estrangeira, em que os laticínios lançaram-se à conquista de fornecedores visitando indiscriminadamente as propriedades. Com o tempo, os agentes que atuavam em processamento passaram a mirar o aumento da produtividade somente nas linhas de fornecimento com as quais já operavam.

Isso não significa que os vínculos na comercialização de leite deixaram de apresentar variações. Mais de um produtor entrevistado indicou não ser infrequente a “migração” de fornecedores entre os esquemas de abastecimento das diferentes estruturas processadoras. Contribui para isso a sazonalidade da produção, que faz do mês de abril o período de menor captação de leite, em geral 30% inferior ao volume do pico, atingido em setembro. Deparados ao problema da operação sob capacidade ociosa, nesse momento do primeiro semestre, os processadores veem-se estimulados a explorar outras possibilidades de captação para tentar fazer frente à ameaça de contração nas suas atividades.

Mas isso parece não comprometer o espírito de ação conjunta principalmente entre as cooperativas. E a presença desse comportamento ajuda a explicar a inexistência, pelo que foi observado em várias entrevistas, de diferenças significativas nos preços pagos pelos processadores de origem local aos produtores

que apresentam condições similares de volume e qualidade de leite. Uma ilustração refere-se à experiência, mencionada por mais de um entrevistado, na qual uma empresa pagou no final de um mês R\$ 0,10 a mais por litro de leite comprado. O motivo é que seu preço tinha se mostrado inferior aos praticados por outros compradores durante o período.

Não só inexitem diferenças importantes entre os preços, por conta, como acentuado, da atuação das cooperativas, como tende a prevalecer uma estabilidade nos seus níveis. Diversos produtores sublinharam que nas cooperativas as oscilações no preço eram muito mais suaves, na comparação com os demais integrantes do segmento processador. Em algum grau, isso espelha a diversidade setorial dessas cooperativas, que operam também com processamento de carne suína, comércio em geral (supermercados) ou produção de ração. O equilíbrio financeiro assim favorecido permitiria compensações com respeito ao leite, quando necessário.

6.2 Significado da inserção territorial dos agentes

Depreende-se das informações levantadas, portanto, que a forma como as cooperativas atuam denota, de algum modo, a influência dos aspectos que tendem a caracterizar os territórios, de uma forma geral. Cabe realçar, sobretudo, o que se pode referir como maior propensão ao compartilhamento de percepções sobre problemas e necessidades locais, o que guardaria relação com as histórias e trajetórias coletivamente vivenciadas pelos contingentes e comunidades presentes.

Pode-se falar nesses termos, no tocante ao Vale do Taquari, não só com respeito às cooperativas, mas sobre os laticínios originados localmente, de uma forma mais ampla. Nas palavras de um entrevistado, as pequenas estruturas de processamento de leite

[...] absorvem o que as grandes indústrias não querem mais do produtor, [quer dizer,] uma baixa escala de produção. [...] Para as grandes indústrias não é viável mandar um caminhão para buscar uma litragem baixa; já as pequenas indústrias veem nisso um nicho de mercado.

Ajuda a ilustrar o significado das diferenças de conduta, entre os agentes que operam em processamento no Vale do Taquari, o que foi designado em várias entrevistas como “crise da importação”. O fato de o assunto ter sido repetidamente mencionado sugere a importância a ele atribuída no âmbito do setor na escala local.

Falar sobre isso requer primeiramente referir à competitividade em lácteos dos países vizinhos, para o que vale remeter às considerações de Criscuolo, Onugha e Varela (2018) sobre o quanto as condições de custos da indústria de laticínios uruguaia, principalmente, representam-lhe vantagem comercial. Além disso, suas exportações se concentram em produtos de mais fácil armazenagem e comercialização, destacando-se itens de consumo também intermediário, como o leite em pó.

Essa superioridade afeta o setor lácteo brasileiro – e o gaúcho em especial, pela proximidade – mormente quando a situação cambial favorece as compras externas, aumentando o interesse das empresas processadoras pela importação do insumo representado pelo leite em pó. Mas em 2017 os efeitos se intensificaram, porque o governo gaúcho reduziu a alíquota do ICMS sobre o produto importado e não fez o mesmo em relação ao produto doméstico. O resultado foi um forte aumento da importação de leite em pó.

As consequências foram significativas. A ampliada oferta daquele produto provocou redução do preço do leite no mercado doméstico: o leite de origem local ficava estocado, já que as empresas não conseguiam vender, e o preço pago ao produtor primário sofria compressão. Os proprietários rurais entrevistados não realçaram nos seus depoimentos o papel da crise econômica então amargada no país, mas cabe aqui considerar que também a redução do poder aquisitivo da população, naquela conjuntura, fazia cair a demanda por produtos lácteos com maior valor agregado, o que contribuía para pressionar para baixo o preço recebido pelas propriedades rurais.

Em diversos casos, esse preço sequer cobria o custo de produção, conforme indicado em mais de uma entrevista. Disso resultou a saída de numerosos produtores da atividade, um problema que fez surgirem iniciativas institucionais para lidar com a situação no Vale do Taquari. Diversos atores se engajaram, com vistas a encontrar mecanismos aptos a atenuar o impacto da avalanche importadora, particularmente adverso devido às circunstâncias.

Entre as medidas, figurou reunião, conduzida pelo Codevat, com a participação de lideranças de cooperativas, sindicatos, da Emater e da Associação dos Municípios do Vale do Taquari (Amvat), entre outras instituições, objetivando discernir ações em defesa do setor lácteo gaúcho e colocá-las em prática. Manifestações em escala de Rio Grande do Sul, defronte às instalações das

empresas importadoras, assim como audiências públicas e até o fechamento da ponte internacional na cidade de Jaguarão, foram iniciativas igualmente protagonizadas.

Nessa conjuntura de forte crise, ganhou contornos mais nítidos uma expressiva diferença entre o *modus operandi* das cooperativas e o das grandes empresas processadoras. Entrevistados frisaram que as primeiras não importaram leite em pó, razão pela qual enfrentaram uma concorrência ainda mais aguda das segundas, que compravam grandes volumes no exterior e vendiam internamente como se fosse produto do país, usufruindo de condições bastante vantajosas.

O preço para o consumo final passou a refletir a grande importação, o que ganha maior significado quando se considera serem os produtos lácteos integrantes da cesta básica dos consumidores. Isso quer dizer que, geralmente, as decisões sobre esse tipo de compra se baseiam, antes de tudo, nos preços praticados. Ora, as condições econômicas no Brasil no período afetavam agudamente o poder aquisitivo da população.

Portanto, o comportamento das grandes empresas prejudicou integrantes do segmento processador que não importaram leite em pó ou só o fizeram em pequenas quantidades. Uma certa fragilidade, sobretudo das cooperativas, foi, assim, implicitamente admitida nas entrevistas.

Contudo, e isto é particularmente revelador de como se avaliava o papel das cooperativas no Vale do Taquari, também se comentou que, em virtude da sua natureza, as cooperativas não poderiam ter agido diferentemente durante a “crise da importação”, preferindo perseverar na canalização da matéria-prima produzida no próprio território. Tal conduta mostrou-se coerente com o seu perfil de, por assim dizer, emanção local que traz incrustados atributos do território. Nas palavras de um entrevistado, como se poderia sequer imaginar que as cooperativas pudessem “deixar de comprar leite dos seus donos, [...] [passando a] comprar de outros? Não faria sentido. [...] [Elas estariam] se autodestruindo”. Em outra entrevista, registrou-se ponto de vista segundo o qual as cooperativas teriam retrocedido, caso preferissem importar, no longo trabalho realizado para promover a produtividade e a qualidade junto aos associados.

Tudo isso permite reiterar aqui que as cooperativas gozam de especial apreço entre os proprietários rurais entrevistados. E deve-se salientar que integra os motivos o modo como os processadores de leite atuando na área costumam lidar

com o problema da exclusão das pequenas propriedades das principais linhas de fornecimento para as indústrias. Entre as empresas, assinalou-se que tal alijamento figura na pauta de assuntos discutidos. Entre as cooperativas, todavia, trata-se de questão que tem sido objeto de ações efetivas para melhorar as condições dos associados.

Duas iniciativas nessa direção merecem realce. Uma refere-se ao programa de inclusão social e produtiva da cooperativa Languiru, em parceria com a Emater. Seu foco é o gerenciamento da propriedade, considerando as potencialidades e aptidões no seio familiar, incluindo possíveis preferências sobre a troca de atividades. É eloquente que várias famílias tenham passado a fornecer verduras e hortaliças ao supermercado da cooperativa.

A outra medida envolve os condomínios de leite da cooperativa Cosuel, tendo como alvo principal os produtores mais idosos e sem os recursos necessários à permanência na atividade. A operação abrange a transferência, para o condomínio, dos rebanhos leiteiros dos associados, com avaliação e decorrente atribuição de uma cota ao proprietário; empregados cuidam dos animais, e o dono fornece alimentação na proporção da sua cota. Com tecnologia que inclui robôs na ordenha, a ideia é racionalizar o uso do espaço e da mão de obra na produção primária, esferas problemáticas em diversas propriedades.

7. Considerações finais

Como assinalado na introdução, o presente estudo pretendia caracterizar e analisar as relações entre as esferas da produção primária e do processamento de leite no Vale do Taquari, destacando as particularidades das estruturas que canalizam essa matéria-prima desde as propriedades rurais. Objetivou-se igualmente descortinar algumas implicações desses vínculos para o setor lácteo local, especialmente no que toca aos produtores primários. O pano de fundo eram as mudanças experimentadas pelo setor no Brasil, de uma maneira geral, por conta, entre outros motivos, da forte penetração de interesses estrangeiros desde os anos 1990.

A pesquisa permitiu detectar diferenças expressivas na atuação dos agentes que beneficiam leite naquela área. Mostrou-se considerável o contraste entre a unidade da multinacional Lactalis e o que se pode chamar de emanações do

território, especialmente as cooperativas. Estas exibem nível de “enraizamento” e de comprometimento, em face das vicissitudes enfrentadas pelo setor lácteo, que não tem paralelo nas outras estruturas de industrialização de leite, segundo argumentaram diversos produtores primários e interlocutores ouvidos nas instituições visitadas.

Perante níveis de exigência, como em qualidade e produtividade, que se ampliaram também devido ao mais rigoroso aparato regulatório do Estado, numerosas propriedades rurais enfrentaram adversidades que acabaram por representar exclusão das linhas de fornecimento, precipitando decisões sobre o abandono da atividade leiteira. As propriedades de menor tamanho, com produtores mais idosos e problemas de sucessão, foram mais suscetíveis a esse tipo de problema.

As cooperativas desempenham importante papel com respeito a essa questão. Não só exibem maior tolerância frente às limitações dos fornecedores, uma postura evidenciada na crise ligada às grandes importações de leite em pó em meados dos anos 2010, como lançam mão de instrumentos capazes de atenuar os problemas que as dificuldades com mão de obra e tecnologia, por exemplo, impõem aos produtores. Essa conduta reflete compreensão sobre, e é coerente com, o que se pode chamar de função social da atividade leiteira nesse território. A ameaça de exclusão provocada pelos movimentos do mercado lácteo impõe, assim, lidar com os desafios que o futuro reserva às propriedades implicadas.

Essa problemática há de interpelar os formuladores de políticas, de um modo geral.

Para as propriedades rurais que não logram permanecer nas linhas de fornecimento dos laticínios, uma política de estímulo à produção de lácteos (articulada ou não com outros itens) em redes de cooperação, como associações ou condomínios, e em agroindústrias rurais familiares, poderia dar frutos promissores. Alternativas perante as dificuldades, possivelmente inibindo ou reduzindo a evasão da atividade primária, poderiam ser criadas mediante a mobilização do espírito coletivo – compartilhamentos, ações conjuntas – aparentemente impregnado no território desde a colonização.

Entre os processadores de leite, as medidas de política precisariam fazer florescer – ou resgatar – esse espírito, com vistas ao alcance coletivo de uma mais ampla capacidade de oferta de produtos com maior valor agregado. Atualmente,

os laticínios de origem local interagem entre si mais do que o faziam no passado, segundo os depoimentos colhidos, mas os vínculos parecem ainda rarefeitos e pontuais. É fato que as especificidades das cooperativas outorgam a essas estruturas uma maior inclinação para iniciativas de perfil agregador. Mas o sentido de busca coletiva de soluções para problemas, assim como de vislumbres sobre iniciativas conjuntas aptas a promover um setor de irrecusável importância local, poderia caracterizar interações mais gerais no universo lácteo do Vale do Taquari.

Referências

ABDULSAMAD, A.; GEREFFI, G. *Dairy value chains in East Africa*. Duke University, Center on globalization, governance & competitiveness. 2016. Disponível em: https://gvcc.duke.edu/wp-content/uploads/09-30-2016_IGC_dairy_report_final.pdf. Acesso em: 14 abr. 2020.

ABRAMOVAY, R. *O futuro das regiões rurais*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

AGUIAR, M. D. S. de; SOUZA, O. T.; FILIPPI, E. E.; BEROLDT, L. Do desenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável: os rumos da região do Vale do Taquari no início do século XXI. *Análise*, v. 20, n. 1, p. 84-102, 2009.

AHLERT, L.; GEDOZ, S. T. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 – 1930. *Estudo & Debate*, n. 1, p. 49-91, 2001.

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 8. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

BARDEN, J. E.; AHLERT, L. Fluxos migratórios e distribuição da renda interna na evolução da economia do Vale do Taquari no período de 1930-70. *Estudos do CEPE*, v. 17, p. 61-89, 2003.

BARDEN, J. E.; SILVA de D. F.; AHLERT, L.; WIEBUSCH, F. C. A economia do Rio Grande do Sul no período entre 1920 e 1940: uma análise da região do Vale do Taquari. *Estudo & Debate*, Lajeado, n. 2, p. 7-55, 2001.

BARDEN, J. E.; SINDELAR, F. C. W.; CYRNE, C. C. da S.; SILVA, G. R. de. A especialização da produção leiteira na região do Vale do Taquari/RS. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 1, p. 354-368, 2020.

BENETTI, M. D. *Globalização e desnacionalização do agronegócio brasileiro no pós-1990*. Porto Alegre: FEE, 2004.

BEROLDT, L. *Políticas públicas para a agricultura e dinâmica institucional: as transformações capitalistas na agricultura do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil*. 2010. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CARVALHO, V. R. F. *Reestruturação do sistema lácteo mundial: uma análise da inserção brasileira*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CRISCUOLO, A., ONUGHA, I. U., VARELA, G. República Oriental del Uruguay: integración a las cadenas de valor mundiales – la industria láctea y la industria de las TIC. *Informe*, n. AUS17180, 2018.

FEIX, R. D. A aglomeração produtiva de laticínios do Vale do Taquari. In: MACADAR, B. M. de; COSTA, R. M. da. (Orgs.). *Aglomerações e Arranjos Produtivos Locais no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE, 2016. p. 521-564.

FEIX, R. D.; JORNADA, M. I. H. *Aglomeração produtiva de laticínios na região do Corede Vale do Taquari*. Porto Alegre: FEE, 2015. (Relatório do Projeto Estudo de Aglomerações Industriais e Agroindustriais no Rio Grande do Sul). Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/relatorios/aglomeracao-produtiva-de-laticinios-na-regiao-do-corede-vale-do-taquari/>. Acesso em: 1 abr. 2020.

FEE - Fundação de Economia e Estatística. *Corede Vale do Taquari*. 2021. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>. Acesso em: 03 set. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1358.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2017*. 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 18 dez. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas*. 2021. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 out. 2021.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceito e medida. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-408, 2004.

MALLMANN, L. M. *Agricultores familiares e cooperativas: relações sociais de produção na cadeia produtiva do leite na região do Vale do Taquari/RS – Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

MÉREL, P. R.; SAITONE, T.; SEXTON, R. J. Cooperatives and quality-differentiated markets: strengths, weaknesses and modelling approaches. *Journal of Rural Cooperation*, v. 37, n. 2, p. 201-224, 2009.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. *Relação anual de informações sociais*. 2021. Brasília: Ministério da Economia. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PECQUEUR, B. Qualité et développement territorial: l'hypothèse du panier de biens et de services territorialisés. *Économie Rurale*, v. 261, p. 37-49, 2001.

RABOBANK. *2019 Global Dairy Top 20 – M&A Shakes Things Up*. Utrecht: Rabobank, 2019. Disponível em: https://research.rabobank.com/far/en/sectors/dairy/Dairy_top_20_2019.html. Acesso em: 20 jun. 2020.

RAUPP, A. K. *Sindicalismo rural no âmbito do sistema agroindustrial leiteiro do Rio Grande do Sul – 1995 - 2010*. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SÁNCHEZ-ZAMORA, P.; GALLARDO-COBOS, R.; CEÑA-DELGADO, F. Rural areas face the economic crisis: analysing the determinants of successful territorial dynamics. *Journal of Rural Studies*, v. 35, p. 11-25, 2014.

SCHMITT, A. O arranjo produtivo leiteiro inserido no arranjo produtivo alimentício da região do Vale do Taquari – RS. In: SEMEAD - Seminários em Administração, 16, 2013. *Anais* [...]. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/92.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 3, p. 511-531, 2010.

SOUZA, R. P. *Competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão*. 2011. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ZÚÑIGA-ARIAS, G. El desarrollo de cadenas de valor agroindustriales en Nicaragua, El Salvador y Costa Rica: el caso de la agroindustria láctea. *Serie Estudios y Perspectivas*, n. 126, 2011.